

## EDITORIAL

### DINÂMICA DA VIDA

A vida é dinâmica pura, agitação, ebulição, metamorfose. Ainda que não percebamos, ela pulsa aos nossos olhos, a todo momento (ou nos é oculta) e a própria morte - aí e aqui ao nosso lado, com seus rótulos macabros - é uma de suas mais palpáveis e pulsantes manifestações.

O corpo que se desgasta, a água que seca ou aumenta na nascente, corais corroídos pela poluição dos mares, a folha que cai da árvore e se torna húmus, o desemprego que pode surgir, alguém que não nos compreende, a separação, galáxias que nascem ou se chocam nos infindáveis abismos cósmicos...

Temos uma mania antropocêntrica, limitada, reducionista, egocêntrica de ver as coisas. Até a Deus damos-lhe uma forma humana. Somos de uma pequenez arrogante. Basta ver ditadores indesejados em seus países, que preferem arrasar a nação, chacinar e calcinar todos os seus cidadãos, a abdicar do poder. Ídolos de pés de barro que, a qualquer momento, podem ruir. Estados e magnatas que acham que podem poluir, contaminar, matar indiscriminadamente, através de métodos, armamentos e maquinários os mais mortíferos. Os reinos de todos os tempos caíram, caem e cairão, pois somente o Reino da Verdade prevalece. A história vira e revira suas páginas a cada instante,

## AO PÉ DA FOGUEIRA

### ESTAVA TÃO PERTO

Período eleitoral daqueles “bravos”. Pleito municipal acirrado. Sebastião Maurílio, o conhecidíssimo Zito da Farmácia, velho amigo da política e de todos nós, era um dos candidatos. Campanha já nas ruas, de porta em porta, ouvido a ouvido. E muita falação, disse-me-disse, escaramuças verbais entre os postulantes aos cargos eletivos, correligionários e eleitores alvoroçados...

Um freguês antigo, dos lados da Carapuça ou Romeiros, adentra a farmácia. Era homem influente, de bastante relacionamento na região, e “senhor” de muitos votos. Um motivo a mais - e tanto - para um bom e caprichado atendimento.

Precisava aviar uma receita, ao que parece, de um médico de Oliveira ou mesmo do Dr. Ari, o qual já adiantara ser um medicamento “não muito fácil” e que, talvez, desse uma canseira para ser encontrado.

Zito dá uma olhada na relação de remédios da farmácia. Constatava que não o tinha no estoque. Aliás, remédio desconhecido, de nome invulgar.

Compromete-se a localizá-lo rapidamente junto a outras farmácias e fornecedores. Tiago (do Beco), então seu auxiliar na empresa, ajuda-o nesta tarefa. Surge daí uma maratona, uma corrida insólita, sofrida. Telefonemas, contatos com vendedores e representantes de laboratórios da área farmacológica. Motoristas do Vicente Mendes - dentre eles Batista e outros - que iam semanalmente a Belo Horizonte e ao Rio de Janeiro também foram acionados. Uma devassa em farmácias e drogarias das grandes cidades. Pernadas e informações inúteis, porém. Todos os esforços malogrados. Nem com reza brava, encontrava-se o tal remédio.

O freguês, por umas duas ou três vezes, se informa, assunta quan-

apagando e silenciando horrores, faustos, loucuras, ditaduras...

Pouca atenção damos às coisas realmente importantes e que geralmente não nos custam nada. A luz e o calor solar que nos aquecem e dão vida ao planeta. O ar fertilizador, inebriante de cada manhã, de cada hora. A natureza com seu esplendor contagiante, sua harmoniosa e divina perfeição: os sons dos pássaros, o uivo dos animais selvagens, o cândido sorriso de uma criança, a flor anônima que são verdadeiros milagres e revelações insofismáveis da Realeza Divina.

Devemos, pois, ser gratos às dádivas que recebemos diuturnamente: aos amigos, aos mestres, aos médicos e profissionais da saúde, aos preletores religiosos, aos pais, aos homens que cuidam do campo e são artífices do pão à nossa mesa, a todos os operários, visíveis e invisíveis, dentre estes anjos de resplandecente poder, que contribuem para a prosperidade comum e o avanço inexorável da civilização.

Temos, outrossim, que cuidar de nós, estarmos bem conosco, a partir do mais recôndito, para podermos, de bom grado, servir ao outro. A vida nos surpreende, nos instiga o tempo todo, nos espicaça, pois ela é imprevisível, desafiadora e nos sinaliza para que tornemo-la um sentido maior de comunhão e evolução.

to à localização do medicamento. Zito esclarece - o de seus esforços e requisita mais um tempo. Roga-lhe, em suma, condescendência. Mais “vasculhadas” em outras drogarias da região e de capitais. Tudo em vão. Zito já estava sem argumentos junto ao importante freguês, que, por sua vez, a essa altura, também mostrava-se descrente, senão frustrado. E as eleições se aproximando. Zito percebe que os tão preciosos votos do freguês e família estavam escorregando... Poderiam cair no balaio dos adversários.

Um “estalo”, certo momento, surge na cabeça de Tiago que, de pronto, passa o assunto para o chefe Zito. Ligam para Mercês de Água Limpa e conversam com o colega farmacêutico, sr. Marcelo, a respeito do remédio tão freneticamente procurado.

Para espanto de todos, Marcelo tinha o medicamento em estoque: 3 vidros parados, há tempos, em suas prateleiras e ainda dentro do prazo de validade. Assunto árduo, mas enfim resolvido. A solução tão próxima de casa... E tendo Zito, decerto, granjeado o reconhecimento do ilustre freguês e uma ninhada de votos...



# ADIVINHAS

1. O que tem no final do infinito?
2. O que nenhum jogador gosta de tomar?
3. Como se tira da água uma pessoa que cai num rio e não saber nadar?

Respostas: 1- A letra "O"; 2- Chá de cadeira; 3- Molhada

## Provérbios e Adágios

- O que não tem remédio, remediado está.
- Para quem sabe ler, um pingo é letra.
- Escreveu, não leu, o pau comeu.
- Um dia é da caça, o outro, do caçador.
- A corda, um dia, arrebenta.

## Para refletir:

- O que dá verdadeiro sentido ao encontro é a busca. É preciso andar muito para se alcançar o que está perto (*José Saramago*)
- O amor se torna maior e mais nobre nas dificuldades (*Gabriel Garcia Marques*)
- Assim é a misteriosa lei da vida: o homem inteligente, quando não é um bêbado, é um louco (*Nicolai Gogol*)
- O amanhã pertence a nós! Ó sol, levanta-te sobre os corações que sangram e desabrocham como flores na manhã e também sobre o banquete do orgulho, ontem iluminado por tochas e hoje reduzido a cinzas (*Tagore*)

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Júlia Francisca Vasconcelos

E-mail:

credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG

CEP: 36.350-000 – telefone: (32) 3376-1107

Falar com Júlia Francisca Vasconcelos Santiago

Realização:



## GERALDO LAERTE (LAERTINHO) UMA PERDA IRREPARÁVEL

O falecimento do sr. Geraldo Laerte Resende, o nosso estimado Laertinho, dia 24 de Novembro último, em acidente da rodovia Br-381 (Fernão Dias) é, sem dúvida, uma perda insanável para toda a comunidade. Uma lacuna sentida por todos que com ele conviveram e que conheciam seus elevados projetos pessoais, profissionais, e sociais.

Empresário de sucesso e renome, jovem, dinâmico, cidadão modelar, exemplar pai de família, achava-se integralmente voltado e envolvido com atividades e iniciativas de desenvolvimento para nossa terra. Jamais se furtoou ao dever de servir e contribuir, em todos os níveis, para o progresso da comunidade.

Vereador à Câmara Municipal de São Tiago, gestão 93/96, ai ocupando as funções de Presidente; Conselheiro Fiscal e Administrativo do SICOOB Credivertentes em vários mandatos; colaborador, membro ativo e parceiro de primeira hora das instituições sociais e culturais locais; um amigo incondicional de nosso boletim.

Refinado, polido, em todas as situações; discreto, harmonioso e temperante em suas ações; dotado do mais elevado espirito fraterno, caritativo e altruísta. Uma árvore em pleno verdor, pujança e frutescência que, subitamente, se esvai, abatida pelo vendaval do inexorável, do fado, incógnitas da vida...Um obreiro a serviço do Bem e do Amor e que, nos paramos Maiores onde ora se encontra, continuará seu desvelo em prol de todos, sob a égide e bênçãos Divinas!

Aos familiares e comunidade, nossa solidariedade e compartilhamento ante momento tão crucial e abalador!



## FÉ IRRADIANTE

Os romeiros caminham felizes pelas estradas para pedir e agradecer a N.S. Aparecida, (SP) a Virgem de Nazaré (PA) ao Divino Pai Eterno (GO), Padre Cícero (CE) e a inúmeros lugares, apesar da pobreza e do sacrifício.

Em cada rosto se vê uma alegria, um sorriso que mais retrata a fé irradiante que toca o coração.

Pessoas sofridas, desgastadas, que lutam na lavoura, no campo cuidando de plantas e animais numa batalha pesada contra as intempéries, aridez, secas prolongadas, aridez do solo cansado, que produz pouco, apesar do muito trabalho.

Com poucos recursos financeiros, mas carregados pela fé e devoção ainda trazem a sua esmola, seu carinho, sua alegria, fruto do seu valor.

Esses anônimos romeiros vêm de longe, com sacrifício trazendo a sua ajuda para as comemorações. Depois voltam felizes, contando e agradecendo as graças recebidas e a esperança de poderem voltar no próximo ano, com mais fervor e devoção.

José Alves

Patrocínio:

**EletrôMóveis**



Apoio Cultural:



# MORRO DO FERRO

Morro do Ferro-MG, 25 de setembro de 2013

Ilmo. Sr.

Imagine uma comunidade em que todas as residências, absolutamente todas, incluindo as casas de analfabetos, tenham pelo menos um livro em espaço nobre, simbolizando a valorização dele como fonte de conhecimento e de evolução do ser humano.

Isto começa a ser realidade em Morro do Ferro (distrito de Oliveira – MG), em suas 470 residências, com seus cerca de 1.700 habitantes, por iniciativa da Escola Estadual São João Batista e como uma das realizações do projeto “Um jeito diferente de ver, sentir e cuidar de Morro do Ferro”, idealizado por ex-alunos da Escola.

A atividade de valorização do livro e de incentivo à leitura teve início com a coleta de mais de 1.000 livros usados, por doações de alguns poucos morroferrenses informados sobre esta ideia. Agora, ao mesmo tempo em que serão ampliadas as possibilidades de novas doações, as obras recebidas estão sendo organizadas e catalogadas para que os moradores tenham um menu de escolha do que mais lhes interessar. O passo seguinte será a realização de uma semana de palestras e oficinas sobre os objetivos desta mobilização comunitária, preparando estudantes, pais e lideranças locais para uma solenidade de lançamento oficial, no dia 25 de outubro de 2013, 10 horas, com a presença do escritor morroferrense Olavo Celso Romano, presidente da Academia Mineira de Letras, de membros da Academia, de escritores oliveirenses, autoridades municipais e outras personalidades vinculadas ao assunto.



Neste dia do lançamento, as autoridades entregarão os primeiros livros em residências escolhidas por sua singularidade. Os demais livros serão entregues depois da solenidade, de casa em casa, pelos alunos da escola.

Sua presença fortalecerá esta iniciativa no seu potencial de conectar letras, trombetear palavras, entronizar livros, recontar histórias, fluir conhecimentos, melhorar expressões, evocar paixões, dar asas a sonhos, animar vidas, transformar pessoas, evoluir Seres Humanos.

Desde já, somos gratos por sua atenção a este jeito diferente de ver, sentir e cuidar de Morro do Ferro.

Cordialmente,

*Antônio Ananias da Silveira Freitas - Diretor Escola Estadual “São João Batista”*

## ***Um jeito diferente de ver, sentir e cuidar de Morro do Ferro***

Projeto Cultural intitulado “Um jeito diferente de ver, sentir e cuidar de Morro do Ferro”, idealizado por ex-alunos da Escola Estadual “São João Batista” do distrito de Morro do Ferro, inaugurou um novo tempo na localidade.

Na semana do evento, foram realizadas palestras e oficinas sobre a mobilização comunitária, preparando estudantes, pais e lideranças locais para a solenidade de lançamento desse projeto. O lançamento oficial deu-se no prédio do educandário morroferrense, no dia 25 de outubro de 2013, às 10 horas, com a presença de autoridades municipais, professores, alunos, comunidade em geral, do presidente da Academia Mineira de Letras (AML), Olavo Celso Romano, juntamente com acadêmicos da entidade, escritores oliveirenses e outras personalidades vinculadas ao assunto.

Essa mobilização se deu em prol do desenvolvimento e incentivo à leitura com a entrega e doação de “Livros em casa”. Essa é uma das ações que faz parte do projeto que é idealizado pelo diretor da Escola Estadual São João Batista junto a ex-alunos, orientados por Demóstenes Romano.

O coordenador e idealizador, professor Antônio Ananias da Silveira Freitas (Duga), fala sobre o projeto com grande alegria e empolgação. “Um jeito diferente de ver, sentir e cuidar de Morro do Ferro”, ideia do Demóstenes Romano Filho, o Teninho. Nós temos dentro deste projeto vários outros projetos com ações diversas. Temos um voltado para o esporte, a música e para incentivar as crianças à prática esportiva. Para música. E um deles é esse, “Projeto de Livros”, que aconteceu hoje. Então fazemos reuniões periódicas nas quais conversamos sobre a necessidade de se movimentar a população. O projeto visa ao bem estar de Morro do Ferro, e é exatamente isso, um olhar diferente de Morro do Ferro”, afirma.

O projeto recebeu inúmeros livros doados pela Academia Mineira de Letras, Banco Itaú e outros, por alguns morroferrenses que foram

distribuídos em parte para a comunidade. Os outros serão colocados, para uso de todos, em uma biblioteca que será criada no distrito. “Como os livros doados foram muitos, nós, em parceria com a Prefeitura Municipal de Oliveira, criaremos uma Biblioteca que deve ser inaugurada dentro de um Centro Cultural, na data do dia 30 de novembro, aniversário do Distrito”, concluiu Antônio Ananias.

A professora Paula Silveira, docente na Escola Estadual de Morro do Ferro, aponta a relevância do projeto para o distrito. “Como professora de português, eu acredito que esse projeto é algo de muito valor para nossa comunidade. É algo que incentiva muito a leitura dos nossos alunos, seus pais e de toda a comunidade. Hoje estão recebendo um livro, mesmo quem não lê, por não ser alfabetizado, terá em sua casa um livro em algum lugar nobre, e isso incentiva muito. É uma ideia brilhante do nosso diretor e que a nossa Escola toda está apoiando, incentivando. Com certeza a partir de hoje, a nossa comunidade terá uma consciência diferente voltada para a Leitura”, afirma.

Após o lançamento do projeto que teve também a apresentação da corporação musical “Lira Batistana”, autoridades presentes acompanharam alunos e professores, às casas designadas para a entrega de livros.

O presidente da Academia Mineira de Letras pontua o lado positivo de uma ação como essa para a comunidade. “A importância de um projeto desse para a comunidade é descobrir a força que a própria comunidade tem. O poder que tem as pessoas de se darem as mãos. De olharem para os objetivos que elas têm. Escolher o que elas querem de melhor para a comunidade e achar o próprio caminho, ao invés de depender que alguém faça ou que venha de fora, ou venha de cima. Mas descobrir o próprio poder que tem. E o poder de ser fraterno e irmão”, enfatiza.

*Marcus Santiago*



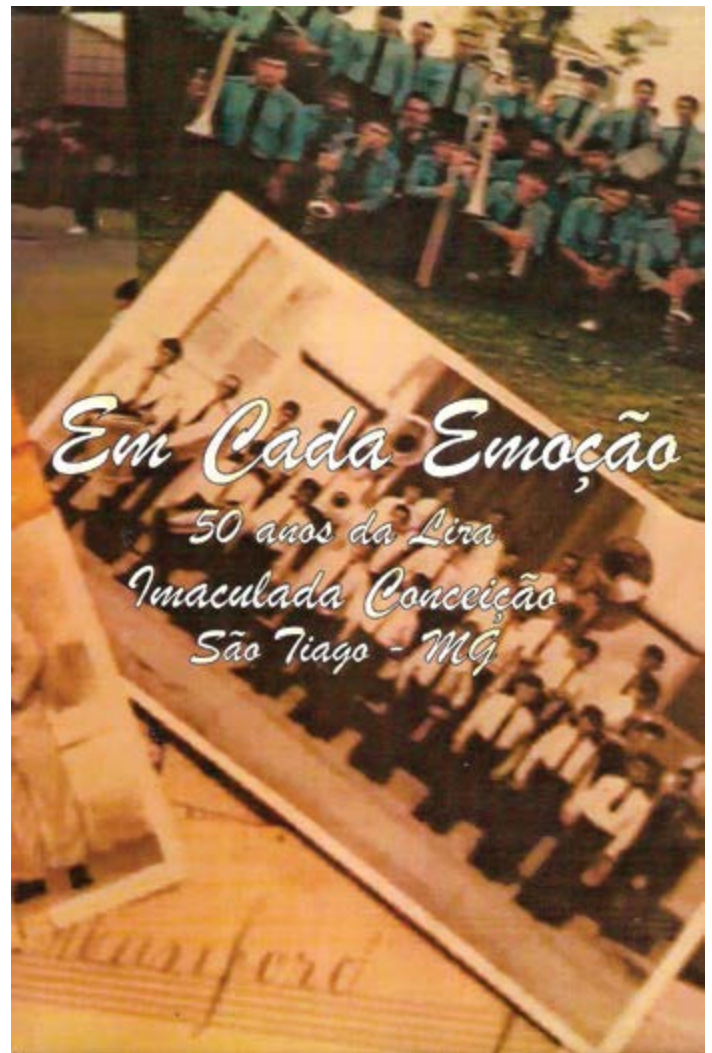
# LIRA 'IMACULADA CONCEIÇÃO'

Fundada em 08 de Dezembro de 1963, com o expresso apoio e patrocínio da Paróquia, na pessoa de seu vibrante pároco Mons. Francisco Elói de Oliveira, a Lira "Imaculada Conceição" comemora em 2013, seu cinquentenário de existência, colhendo assim auspiciosos frutos pelo seu fecundo trabalho em prol da cultura, das artes e da música de nossa terra.

Sabe-se, principalmente pela oralidade, que São Tiago dispôs, no passado, de várias corporações musicais, dotadas todas de excepcionais talentos em seus quadros. Alguns registros sobre nossas bandas aparecem esparsos pela imprensa da região. O jornal são-joanense "A Tribuna", em sua edição de 20/02/1927, ao focar as festividades de inauguração do Grupo Escolar "Afonso Pena Júnior", de nossa cidade, empresta considerável ênfase às nossas bandas e informa: <sup>(1)</sup> "S.Tiago – Realizou-se a 10 do corrente mês, com grande concurso de pessoas daqui e de lugares vizinhos, um dos mais nobres e ardentes desejos do povo deste distrito – a inauguração do Grupo Escolar. Tocou a alvorada a "Lyra Santa Cecilia" e, após a missa, foi processionalmente conduzida da Igreja do Rosário para o Grupo a imagem de Cristo, ali entronizada na sala de honra. Seguiu-se a inauguração oficial da nova casa de ensino, tendo orado, durante o ato, os srs. Dantas Resende, inspetor escolar, Dr. Octávio Leal Pacheco, presidente do diretório distrital; Dr. Fernando Behring, juiz de direito da Comarca; e Padre José Duque de Siqueira, vigário da freguesia. Ao hastear-se a bandeira, falou a Professora Maria José de Almeida. Todas essas solenidades foram abrilhantadas pelas Lyras "Santiaguense" e "Santa Cecilia". Às 16 horas, procedeu-se ao lançamento da pedra fundamental da Santa Casa, servindo de paraninfos os Srs. Coronel Antonio Carlos de Carvalho. Dr. Manoel Esteves dos Santos, Capitão João Pereira Santiago, Job Altivo da Matta e Jose Wanderley Lara. Fizeram-se ouvir, nesse ato, os srs. Drs. Esteves dos Santos, José Gaudêncio Neto e Henrique Santiago. À tarde, depois da retreta pela Lyra Santiaguense, o povo, precedido pela Lyra Santa Cecilia, conduziu o Coronel Antonio Carlos de Carvalho até o Theatro, onde o sr. Pacheco lhe ofereceu aquela manifestação de apreço e o espetáculo a exhibir-se, respondendo o homenageado em agradecimento aos laboriosos e progressistas santiaguenses. O baile que se seguiu foi oferecido ao Coronel Antonio Carlos de Carvalho, Major Joaquim Gonçalves (presidente da Câmara de Bom Sucesso) e demais companheiros em nome do povo de S.Tiago pelo Professor João Severino Ribeiro, a quem respondeu o advogado José Mesquita, que terminou saudando o belo sexo santiaguense. Falou, por fim, o sr. Pacheco, que agradeceu a presença dos dignos hóspedes e o concurso das excelentes orquestras das Lyras Santiaguense e Santa Cecilia. As Festas de 10 do fluente deixaram aqui inolvidável impressão" (do correspondente)

A Lira Imaculada Conceição, já uma tradicional e conceituada Corporação, formou e contou com dezenas, senão centenas de músicos em seu quadro, ao longo dessa sua memorável trajetória, abrilhantando as festividades cívicas e religiosas da comunidade. Seu ex-maestro, Sr. Domingos Silvério, desenvolveu um notável trabalho, formando sempre novos músicos, bem como aprimorando técnica e artisticamente os componentes da Lira, continuando agora os trabalhos sob a batuta do atual maestro Tássio Mendes de Resende.

Os jovens pesquisadores são-tiaguenses Bruno Caputo e Michele Santana, a quem parabenizamos, elaboraram excelente pesquisa e enfoque sobre a "Lira" em seu cinquentenário, incluindo depoimentos, fotos, reunidos em CD, trabalho digno de louvor, do mais alto material que se encontra disponível nas bibliotecas e escolas da Comunidade.



Sobre a música em nossa terra, assim escreveu Dr. Augusto das Chagas Viegas em sua obra "Notícia Histórica do Município de São Tiago" (1972, págs.50/51):

"A música, embora representada sempre por uma só corporação, desde afastadas épocas, aqui existe, tendo tido em seu meio figuras de relevo como foram o compositor e exímio violoncelista Firmino Bispo de Paula, o mestre Guilherme Alves de Andrade, o notável ofclidista Joaquim da Mata Sobrinho (Quinzinho) e Pascoal Caputo, ótimo pistonista.

Foram diretores e regentes de 1950 a esta parte, sucessivamente os srs. Joaquim Pinto Lara, Joaquim Aleluia Mendes, o professor Moisés, o Sargento Rogério, sendo atual diretor e regente o sr. Antonio Evangelista Teixeira"

Enfatizamos aqui a urgente e extrema necessidade de pesquisas sobre a música em nossa terra. Encontramos, no passado, grandes músicos e compositores como Joaquim Pinto Lara, José Mendes, Anísio Morais, José Ribeiro Silva, cujas obras em grande parte se perderam.

Há, ademais, referências imprecisas quanto à presença do conhecido maestro João da Mata, em nosso meio. Enfim, campos de pesquisas e quanto mais passam os dias, mais difíceis de obtenção de documentos, de depoimentos, etc. A música representou uma excepcional conquista social e artística no passado de nossa

# CINQUENTENÁRIO DE EXISTÊNCIA

comunidade, daí a necessidade de melhor conhecermos os vultos e os resíduos de suas obras. Pouco se pode esperar, infelizmente, nesse sentido das autoridades constituídas. O Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago conta com alguns de nossos músicos como patronos, a exemplo do Prof. Joaquim Pinto Lara, Joaquim Aleluia Mendes (Joaquim Policarpo). Contemos e formulemos votos quanto ao interesse de novos pesquisadores que possam desenvolver tal trabalho de resgate biográfico e de composição de nossos artistas.

## NOTA

(1) Pesquisas e informações do historiador e amigo Prof. Antonio Gaio Sobrinho, a quem somos sumamente reconhecidos.



Da esquerda para a Direita: José Avelino, Dedé (irmão de D. Netinha), 3º integrante - pistonista (?), Joaquim Policarpo, Sr. Dico (pai do Cará), Miguel (filho do Sr. Vitor), Quinzinho (família D. Joaninha), José Ica, Osvaldo (filho de Joaquim Policarpo).

Atrás, da esquerda para a direita, sem instrumentos a vista: Miguel (Joaninha), Braulino e José Braulino

## JOAQUIM ALELUIA MENDES 'POLICARPO'

Joaquim Aleluia Mendes (Joaquim Policarpo) foi um dos mais conceituados músicos são-tiaguenses, honrando as tradições culturais de nossa terra. Membro das Corporações musicais da época, em especial a Lyra Santa Cecilia, sendo exímio instrumentista de bombardino, saxofone. Nasceu em São Tiago, em 14/08/1909 e aqui faleceu em 16/09/1962 (Livro de óbitos 7C.fls. 216v, Cart. de Reg.Civil de S.Tiago, a quem agradecemos pela atenção e apoio). Filho de Policarpo Mendes dos Santos e de D<sup>a</sup> Francisca Cândida de Jesus. Casado com D<sup>a</sup> Antonia Maria de Sousa, tendo o casal 6 filhos: Eli, M<sup>a</sup> Antonia, Helena, Osvaldo, Jesum e Teresa.

Era pedreiro de profissão, prestando seus prestigiados serviços a toda comunidade, em especial em obras da Paróquia, na gestão dos párocos Revm<sup>o</sup> Pe. José Duque de Siqueira e Revm<sup>o</sup>. Mons. Francisco Elói de Oliveira. Foi ainda jogador do Tupinambás F.C. à época em que o sr. Benjamim Amadeu de Almeida também atuava/brilhava como craque da equipe e um de seus mais fiéis torcedores.

Pelos seus eminentes serviços prestados à coletividade são-tiaguense, é homenageado como patrono da cadeira nº 20 do Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago-IHGST e cujo titular é o sr. Tiago do Rosário Mendes Santiago.

LIRA "SANTA CECILIA", de nossa cidade – Foto da década de 1930

Músicos: da esquerda para a direita: 1ª fila: João Marcolino, José Marcolino, Sr. Dico, Chico Alvim, José Avelino, Abel Resende, Jairo Navarro; 2ª fila: Braulino Mendes, Altino, Tonico Pascoal, Joaquim Pinto Lara (sr. Quinzinho), Joaquim Policarpo, Joaquim Almeida, José Batista.





# NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

A extinta Igreja do Rosário do Largo da Matriz, além de marcar um profundo significado histórico e cultural para a primitiva população, foi um espaço de vivência religiosa da comunidade são-tiaguense

A devoção a Nossa Senhora do Rosário teve sua origem por volta do ano de 1200 por São Domingos de Gusmão que, inspirado pela Virgem Maria, deu ao rosário sua forma atual. Anos depois, em 1408, a Ordem dos Pregadores (ou congregação dos Frades Dominicanos) instituíram a primeira Irmandade do Rosário na Colônia/Alemanha, logo a devoção, à Nossa Senhora do Rosário se propagou gradativamente. Missionários portugueses foram os que mais difundiram a devoção, inclusive na República Democrática do Congo/África.

No Brasil, a veneração e culto a Nossa Senhora do Rosário chegou no século XVI através das irmandades que foram surgindo, naquela época, inicialmente na Capitania de São Paulo e noutras localidades. Em Minas Gerais, no século XVIII, registra-se a fundação da primeira Irmandade do Rosário em 1708 na atual cidade de São João del-Rei, seguida por Ouro Preto (1715), Serro (1728), Paracatu (1782), etc.

No período da escravidão havia divisões de classes sociais e trabalho escravo; senhores donos de terras na região como na maioria de outras localidades, criava outros espaços na comunidade, onde brancos e negros não pudessem se misturar em momentos comuns a todos, sobretudo, para o culto católico. Nas belas igrejas, ditas matrizes, os negros, quando iam, não ocupavam lugares à frente. Os primeiros bancos eram reservados às famílias de autoridades e de pessoas abastadas da vila, os negros ficavam em pé abaixo dos coros da porta de entrada ou do lado de fora.

Em muitas vilas, os negros ou pretos (como se falava naquele período da escravidão na colônia brasileira) trabalhavam duramente nos serviços braçais e as mulheres nos serviços domésticos, até que as leis gradativamente conceberam aos escravos benefícios e o direito a liberdade.

Assim, os escravos ajudavam os seus senhores nas construções de casas, engenhos, fazendas e nos imensos muros de pedras que ainda vemos por aí, sobretudo nas antigas fazendas. Muitos ainda trabalhavam duramente nas construções de ermidas, capelas e igrejas quando na formação dos antigos arraiais. Seus nomes nunca eram lembrados, apenas o do senhor das terras ou de autoridades locais (coronel, capitão, juiz de paz, etc.).

Ao fim do período colonial, as irmandades do Rosário passaram a ser compostas pelos "homens pretos". Os sofrimentos a que os escravos eram acometidos os levaram a congregar na irmandade onde poderiam estar juntos, rezar, vivenciar suas práticas, costumes religiosos e sociais. Alguns recolhiam um capim denominado "Contas de Lágrimas" ou "Lágrimas de Nossa Senhora" cujas sementes se tornavam terços e rosários.

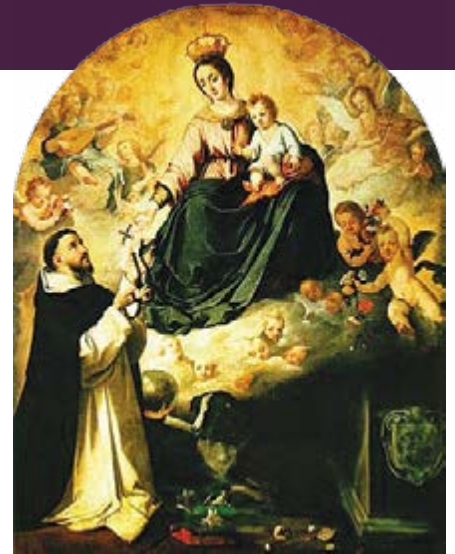
O ideal dos escravos em ter a irmandade era poder construir uma Igreja Católica para assim ter os seus momentos de oração separadamente dos brancos. Mesmo com essa separação, muitos escravos não eram privados de receber os sacramentos católicos. Eram batizados, recebiam nomes de santos e vez ou outra participava da missa na igreja principal da vila.

A fundação de uma Irmandade possuía toda uma estrutura organizacional: mesa administrativa, conselho de irmãos, corte e estado maior com suas guardas. Devido à perseguição do clero em algumas cidades do país, muitas irmandades desvincularam-se da Igreja Católica

passando a seguir autonomamente. Com isso, conseguiam construir um pequeno patrimônio para a irmandade, como casa para reuniões e acolhida aos alforriados, terra de cultivo próxima à capela.

Em São Tiago, há duas versões a respeito da história e devoção a Nossa Senhora do Rosário. A tradição oral conta-nos que a "Igreja do Rosário foi construída a partir de 1810, por escravos de propriedade do Sargento-Mór, José Jacinto Rodrigues G. Lara (Fazenda da Papuça e Rio do Peixe) de onde teriam provindo as pedras do seu alicerce." (Boletim Sabores e Saberes, N° XII, 2008, p.05). Já na obra, *Notícia Histórica do Município de São Tiago* (1972), Dr. Augusto Viégas informa que a construção da referida capela no antigo Largo da Matriz e atual Praça Ministro Gabriel Passos se deu por volta de 1820, cujo seu principal expoente foi o capitão João Gonçalves de Melo. As duas versões da história se relacionam através de uma intenção de buscar o melhor para a comunidade. Porém, mesmo naquela remota época, a construção de igrejas destinadas a culto público deveria ter as orientações de um sacerdote.

Sob as orientações dos padres capelães que atendiam o Curato de São Tiago com ajuda de outros senhores abastados com propriedades neste lugarejo, construíram com auxílio dos escravos que residiam na vila e nas imediações à época do império brasileiro, esse templo dedicado a Nossa Senhora do Rosário. A capela ficava no centro da vila na mesma praça que a Igreja Matriz. Registra Viégas, *"Era um templo de estilo singelo que, lembrando o de todas as antigas capelas, evocava em sua elegante e dominadora simplicidade a pureza da fé que animou a piedosa geração que a levou. Situada em frente a Matriz, de taipa suas espessas paredes, o pequeno edifício de indiscutível solidez revelava previdente espírito e o firme caráter daquela austera gente. Em seu modestíssimo frontispício, a que na parte mais alta dominava a cruz, além da porta da entrada, de duas janelas no alto que davam para a grande nave e para o coro e que se ligava à sacristia de onde uma outra porta abria para a capela-mor. Esta, também pequena, destacando-se por ser de bom acabamento o arco-cruzeiro que se apoiava em bem proporcionadas colunas. O trono lançado em artísticos degraus*





*trabalhados em graciosos contornos, constituía peça de fino labor, que bem patenteia o carinho que no passado mereceu, como hoje merece, o Augusto sólido da excelsa Virgem Rainha do Rosário."*

A maioria das cidades da região possui uma igreja construída e dedicada a Nossa Senhora do Rosário que marca o simbolismo da época escravista nas Minas Gerais.

Não há informações precisas, mas presume-se que nesta capela eram celebradas as festas do Congado, do Divino (junho) e de Nossa Senhora do Rosário (outubro), protetora dos negros e escravos. Junto à devoção a Senhora do Rosário mais dois santos são homenageados, Santa Efigênia e São Benedito.

Foi nessa capela que aconteceu um fato pitoresco, que passa de geração em geração, envolvendo o ex-vigário, Padre José Duque de Siqueira. A tradição oral conta que, "o virtuoso vigário veio a perder seu terço que carregava sempre consigo. Ao procurá-lo para rezar e não o encontrando, disse que quem havia lhe tirado ficaria com a 'mão seca'. Dias depois, o sacristão subindo à torre da capela para tocar o sino, viu que havia um passarinho seco no ninho, e que se encontrava, entre os capins e galhos do ninho, o terço do sacerdote."

Com o passar dos anos, por extrema necessidade, a capela foi demolida no ano de 1955, para atender ao plano urbanístico da cidade. Assim foram expostas as condições: "Impossibilidade de restauração, pois as paredes construídas de terra socada (adobe e pau-a-pique) apresentavam avarias que as faziam inclinar-se; Embora de estilo colonial antigo, muito simples, nada se apresentava de original, artístico, histórico e uniforme; a Capela fora construída em etapas; a torre para os sinos diferia totalmente do estilo inicial; A obra estava condenada pela planta urbanística da cidade, construída sem esquadro, e sem passeio ao redor; não havia como fazê-lo; era torta perante o conjunto da praça, frente à Prefeitura Municipal." (Avulsos AP)

Então para atender a demanda da urbanização da Praça da Matriz, a histórica e secular Capela do Rosário foi ao chão; sob lágrimas de alguns, silêncio e revolta de outros... Carreiros e candeeiros que um dia no passado, com seus carros de bois, juntamente com os escravos, fizeram duros e esgotantes percursos para trazerem as inúmeras e pesadas pedras para o alicerce não viram a demolição de um patrimônio que com tamanha dedicação e esmero, ajudaram a construir. Muitos anos depois, carreiros com suas juntas de bois, atendendo ao pedido de autoridades locais, tiveram grande trabalho para retirarem as pedras que foram a base e o



sustentáculo do templo da Virgem do Rosário.

A singela Igreja do Rosário em seu modesto estilo colonial simples, foi muito útil à comunidade São-tiaguense, principalmente no período em que a nova Matriz estava sendo construída (1900-1922). Todos os atos litúrgicos eram realizados nessa capela.

A primitiva imagem de madeira da padroeira da Igreja do Rosário entende-se que foi doada por ricos fazendeiros da região, porém ao ser demolido o templo a imagem ficou na Igreja Matriz. Quando foi construída a Capela do Rosário no Bairro Cerrado foi colocada no altar dedicado a ela juntamente com a imagem de Santo Antônio que veio da extinta da Capela de Santo Antônio da Vila Ozanam. Na década de 80 a imagem foi roubada sem deixar pistas de seu paradeiro. Logo o casal Sr. José Alves de Gouveia e dona Irene Rezende Gouveia e filhos se comoveram com a situação e fizeram uma campanha para arrecadar dinheiro a fim de adquirir outra imagem. Tudo transcorreu bem e conseguiram comprar a imagem de madeira que foi talhada e pintada em Resende Costa. Após a grande reforma que houve há pouco tempo, a imagem foi substituída por uma outra maior de gesso policromado e colocada em um dos altares laterais do presbitério.

No desejo que a devoção a Nossa Senhora do Rosário em São Tiago continuasse, o dedicado e saudosos Monsenhor Francisco Elói pensou, junto à comunidade, em construir uma capela maior num terreno da paróquia na Praça São Vicente de Paulo, no Bairro Cerrado. Com grande apoio dos paroquianos, deu início à construção e finalizou-a em 1978, cuja inauguração e bênção ocorreu, em 25 de julho, pelo bispo diocesano, Dom Antônio Carlos de Mesquita.

A Capela do Rosário tem o seu plano de arquitetura mais moderno que a extinta do centro. Possui uma pequena torre com um sino, é ampla e espaçosa. Os movimentos e pastorais fazem grande uso da mesma. No mês de junho acontece a animada trezena de Santo Antônio.

No ano de 2006, a capela foi restaurada e ampliada, ganhando novo estilo e resgatando a história do templo. Esse empreendimento deve-se ao grande empenho do pároco da época, Padre Alexandre Pereira da Silva e do vigário paroquial, Padre Roberto Carlos de Almeida.

Há muitos se fazia a trezena de Santo Antônio e, na procissão desse, levava-se também a imagem de Nossa Senhora do Rosário. Padre Alexandre, entusiasmado com a nova capela, resolveu fazer separadamente a festa, da padroeira com a novena, realizando a primeira festa, depois de longos anos, no dia 07 de outubro de 2007. A partir daí, todos os anos celebram-se as duas festas na capela.

Seria interessante que grupos e associações envolvidas com cultura local resgatasse os ternos de congado e as danças que fazem parte de uma história antiga da nossa localidade e congregassem pessoas que gostam de movimentos culturais e afrobrasileiros.

Marcus Antônio Santiago  
Membro do IHGST





# Festejos de Natal



O período de Natal, entre meio às montanhas mineiras, é rico em manifestações da cultura popular, ligadas principalmente ao nascimento do Menino Jesus. São festejos e atos de devoção que envolvem as folias de reis, além de reisados, presépios, pastorinhas e autos de Natal e que ganharam ritmo e foros de mineiridade.

As Folias de Reis (também conhecidas como Festas dos santos reis ou ternos dos santos reis) ocorrem no período de 24 de Dezembro até 06 de Janeiro, podendo-se estender até o dia 20 e em alguns casos, até o dia 02 de Fevereiro, dia de N. Senhora das Candeias. Relembra, através de encenações e cantos, a visita dos Reis Magos, que a oralidade nomeia por Baltazar, Gaspar e Belchior, guiados por uma estrela, ao menino Jesus nascituro (conforme o Evangelho de S. Mateus, cap. 2).

Tais festejos contam com o gosto e a intensa participação popular e resultam de práticas religiosas centenárias da Europa, trazidas pelos portugueses para o Brasil e aqui assimilados por brancos, negros e outros grupos étnico-sociais. Os foliões vão de casa em casa, em especial aquelas que tem presépios montados pelos proprietários para veneração ao Menino Jesus. Os grupos (ou ternos ou caravanas) são compostos por músicos e cantores, com instrumentos como violas, rabecas, cavaquinhos, sanfonas, adufes, e entoando cânticos e ladainhas. Vários personagens constituem o aparatoso cenário das folias:

- o guia (ou capitão), o qual é responsável pela alvorada, giro e entrega da folia

- os violeiros, a quem cabe entoar os cantos, as rezas, as catiras, etc.

- os caixeiros, que por meio do som das caixas, chamam os foliões para a festa

- os reis magos com suas roupas coloridas e brilhantes, podendo estar mascarados, fantasiados de palhaços, conduzindo a folia para engenhosas coreografias

- Herodes, o rei da Judéia, que mandou matar as crianças inocentes. Ele usa geralmente a máscara na parte de trás da cabeça;

- ciganas, etc.

Além das Folias, várias outras representações abrilhantam e se fazem presentes durante o Natal:

**Presépios** – segundo a tradição, o primeiro presépio em argila foi montado em 1223 por S. Francisco de Assis (1182-1226). O santo armou uma manjedoura na floresta de Greccio, e além da Sagrada Família, compôs o cenário com animais (o burro, o boi) para melhor explicar a liturgia e a história do nascimento de Jesus aos fiéis da região. Hoje uma tradição universal.

**Nota** - Tínhamos, entre nós, em tempos passados, uma presença marcante de presépios, seja nos lares ou mesmo na Igreja. Um dos famosos presépios de então fora montado pelos irmãos Olimpino, Carmindo e principalmente José, artesãos moradores na Várzea. Zé, marceneiro e marcheteiro, armou um presépio, todo artesanal, que, ao lado dos personagens tradicionais (Sagrada Família, animais, pastores, etc.) incluíam elementos de nosso meio: o monjolo, moinho d'água, tropeiros com seus animais de carga, mulheres com latas à cabeça, etc. Como o presépio passou a chamar a atenção de todos, que passaram a visitá-lo a todo momento; o artesão, pessoa "sistemática", resolveu destruí-lo. Pelo menos é o que ouvimos.

**Autos de Natal** – "O Auto dos Reis Magos" é uma peça de autoria de Gil Vicente, autor português, escrita em 1503 e publicada em 1510, a pedido da Rainha D<sup>a</sup> Leonor para o dia de Reis.

**Reisado** – dança popular, de natureza dramática, variando seus enredos de acordo com a época, local em que são encenados

**Pastorinhas (ou Pastoril)** – Canções, loas, louvações entoadas diante do presépio ou da igreja, ou ainda em tablados e palcos, na noite de Natal, aguardando-se a missa do Galo. Representam a visita dos pastores ao estábulo de Belém, com ofertas e pedidos de bênçãos. Os

grupos vestem-se de pastores, aparecendo alguns personagens cômicos ou singulares como o velho, o vilão, o saloio, o soldado, o marujo, etc. Recitam "autos", pequenas peças de conteúdo apologístico, com enredo próprio, divididos em "jornadas" (episódios) ou ainda cânticos de tons religiosos em honra à Natividade.

Encontravam-se – e parece que subsistem ainda - em certas regiões, grupos ou cordões de pastores, que se apresentam do Natal até as vésperas do carnaval, em recintos fechados ou palcos, com textos dialogados e musicados de temática religiosa e profana, ao lado de danças. São formados por dois grupos ou blocos: o cordão azul e o cordão encarnado. Contam com vários personagens e figuras: a mestra, a contramestra, Diana, o anjo, a cigana, o velho, o zagal, a estrela do norte, o Cruzeiro do Sul, etc. Usam pandeiros, violões, cavaquinhos. As pastoras vestem-se de bailarinas, saias curtas, lenços na cabeça, faixas, diademas com areia e cristal, colares reluzentes. Os cordões promovem desafios e rivalidades entre vi, provocando-se mutuamente e levando entusiasmo e motivação dentre o público. Ao final do espetáculo cantado e dançado, há leilões de prendas com frutas, flores, peças de artesanato, enfim, um grande conagração popular.



Em São Tiago e região circunvizinha, encontramos grupos de folias assaz ativos, uma tradição de décadas, senão secular.

Sugerimos, em especial às nossas autoridades:

I – transformar nossas folias de reis e pastorinhas como patrimônio cultural imaterial do município:

II – fortalecer o apoio ao FOCEST e Centro Cultural que mantém um grupo mirim de foliões – uma iniciativa que necessita ser devidamente estimulada. Inclusive, criarmos outros grupos mirins: congado, catira e demais manifestações de nossa região

III – resgatar a tradição de presépios. Incentivar residências, empresas quanto à montagem de presépios, algo que desapareceu de nosso meio.

